

RESENHA

O OLHO DA UNIVERSIDADE

DERRIDA, Jacques. **O Olho da Universidade**. Trad. Ricardo Iuri Canko e Ignácio Antônio Neis. 157p. São Paulo: Estação Liberdade. 1999.

Fernanda Leonel Machado¹

RESUMO

Trata da compilação de duas conferências proferidas pelo filósofo da desconstrução, sendo a primeira na Universidade de Columbia no ano de 1980 e a segunda na Universidade de Cornell no ano de 1983, ambas nos Estados Unidos da América. Uma abordagem crítica sobre o ensino na Universidade e sua atividade finalística e econômica em detrimento do conhecimento.

Palavras-chave: *Universidade – Responsabilidade - Polícia Militar.*

ABSTRACT

This compilation of two conferences given by philosopher of deconstruction, the first at Columbia University in 1980 and the second at the University of Cornell in 1983, both in the United States. A critical approach to teaching at the University and their end and economic activity to the detriment of knowledge.

Keywords: *University – Responsibility - Military Police.*

¹ Tenente Coronel da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação (PPGE), do Instituto de Educação (IE), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), fernandaleonelmachado@hotmail.com

Credenciais do Autor

Jacques Derrida (1930 - 2004) é autor de vasta obra, grande parte dela é decorrente dos diversos cursos, seminários e conferências que proferiu. No final dos anos 60 foi professor convidado das mais prestigiadas universidades europeias e norte-americanas, bem como recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* de diversas delas. Lecionou na Sorbonne e na Escola Normal Superior de Paris, foi Diretor da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris e membro fundador e diretor do Colégio Internacional de Filosofia de Paris.

Considerado pós-estruturalista - título que nunca assumiu - sua filosofia nos legou a desconstrução. É fundamental não confundir tal conceito com destruição, mas uma decomposição dos elementos da escrita, possibilitando enxergar as lacunas e os elementos indizíveis nos textos, aqueles que os compõem ideologicamente. Trata-se da possibilidade de ultrapassar o significado tradicional de um texto, criando novos contextos, novas leituras².

Exposição do Conteúdo

O Olho da Universidade reúne duas conferências de Jacques Derrida. Ordinariamente, pode-se dizer que a primeira trata do conflito das faculdades e a segunda do princípio da razão e a idéia da Universidade. Em ambos os textos, Derrida busca em Kant o mote para a discussão sobre a responsabilidade na universidade.

Primeira Conferência:

Mochlos ou o Conflito das Faculdades

"Mochlos ou o Conflito das Faculdades" foi apresentado em uma conferência no ano de 1980, na Universidade de Colúmbia em Nova York, em comemoração ao centenário da fundação, bem como pela outorga do título de Doutor *Honoris Causa* a Jacques Derrida.

Como conferencista, Derrida inicia suas palavras questionando sobre a responsabilidade universitária. A necessidade de responder a quesitos mínimos

² Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Derrida > Acessado em 10 de abril de 2016.

sobre que fim se encerra a responsabilidade na universidade é para o autor o primeiro rastro de responsabilidade. Calando-se, respondendo formalmente ou a própria não-resposta estão imbuídas desta responsabilidade. O apelo a responsabilidade antecede a própria resposta.

Após o apelo, busca compreender o sentido das palavras postas à definição: responsabilidade e universidade.

Derrida propõe um diálogo com a filosofia Kantiana para tratar sobre a universidade. Encontra em "O conflito das faculdades" o discurso "pré-inaugural" do modelo de Universidade moderna. De tal efeito, a criação da Universidade de Berlim tem suas fundações no texto de Kant. Esta serve de inspiração a todas as grandes universidades ocidentais criadas ou re-instituídas entre 1800 e 1850.

Em 1798 Kant dissertou em "O Conflito das Faculdades" sobre a idéia moderna de Universidade, sendo os problemas e as questões apontadas uma realidade ainda hoje vigentes e, por conseguinte, a eterna questão: o que é a Universidade? Duzentos anos depois, em 1987, Jacques Derrida atua desconstruindo o que Kant referendou. Aborda a responsabilidade e a definição dos limites da Universidade, estes definidos pelos seus conflitos internos e pelas relações com o exterior.

Em Kant, Derrida anuncia que a universidade recebe autoridade legítima de um poder que não é seu. Esta autorização condiz na criação de títulos, através de um poder autônomo, da divisão de saberes codificados nas diversas faculdades e no engendramento do saber que interessa ao poder estatal. Assim, a universidade representa a sociedade, é igual ao sistema social que está inserida.

Para Kant, a autonomia deste poder reside simplesmente no fato de que somente sábios podem julgar sábios, a legitimação de saberes. Porém, se o objetivo é criar efeitos públicos destes títulos, a universidade não autoriza nada. Ao contrário, é autorizada pelo Estado, vez que os efeitos políticos desta legitimação são vigiados por um poder exterior a universidade. Um duplo constante, onde a liberdade científica é "controlada" pelos desejos do Estado, a eles devem servir.

Ilustrando, Derrida narra o episódio em que Kant é admoestado publicamente pelo Rei da Prússia, concitando-o a corrigir certos posicionamentos

decorrentes da *"má utilização de sua filosofia, deformando e rebaixando certos dogmas em seu texto "Da religião nos limites da simples razão"* e isto é feito pugnando pelo reconhecimento de sua dupla responsabilidade: uma consigo mesmo, enquanto professor, e outra com seu soberano.

Derrida questiona se na Universidade contemporânea há a possibilidade de se discutir esta responsabilidade. Pergunta-se sobre a possibilidade de dizer "nós" para designar uma comunidade que partilha uma linguagem comum, na qual seja possível debater as formas de responsabilidade da Universidade. Não há, hoje, um código a que se pode seguir para definir tal responsabilidade e isso causa um mal-estar na universidade.

Isso passa por uma renovação de compromisso, uma autoafirmação sobre a responsabilidade, como no discurso de Heidegger sobre *A autoafirmação da Universidade alemã*. Aqui concitava ao fato de que a Universidade devesse se medir por uma responsabilidade mais essencial, que antes de responder a um saber ou um poder ou um sujeito determinado, responda primeiramente ao ser.

E qual conceito deve regular a palavra responsabilidade na Universidade?

Para Derrida a Universidade é ainda muito jovem, *"um constructum ou um artefato muito recente"*, e já o sentimos findado, acabado.

O discurso sobre a responsabilidade se vale muito das instancias do direito, da razão pura e do dever de responder a alguma instancia. Este conceito prático pode ser diluído pela análise essencial do subjetivo, da consciência. A responsabilidade pode ser atingida descentralizando o sujeito, tendo por perspectiva a responsabilidade e a liberdade de consciência subjetiva e a pureza de intencionalidade. Por outro lado, seria possível pensar a responsabilidade sem passar pelo ego, pela intenção, o sujeito e todo o ideal reinante?

Para Derrida é importante oportunizar o pensamento sobre o que tem representado a responsabilidade universitária até o momento. Haverá um novo tipo de responsabilidade? E o filosofo diz que a própria forma de questionar é ainda um protocolo clássico de Kant. Questionando, se coloca como guardião da responsabilidade e depositário da responsabilidade tradicional.

Para o autor é incerto falar sobre a responsabilidade universitária, atribui a

Kant "o rigor de um plano ou de uma estrutura através das brechas de um edifício inabitável e do qual não é possível decidir se está em ruínas ou se simplesmente jamais existiu, visto jamais ter podido abrigar senão o discurso de seu inacabamento".

Ainda assim, acredita em um novo discurso sobre a responsabilidade universitária que se mensure pela novidade, algo que desconhece com clareza, mas um porvir. Fala assumindo uma dupla responsabilidade: a de professor acadêmico e de não-universitário, porém sensível ao fato de que a Universidade não pode transformar-se em uma de suas representações. Ela é superior.

O desconstrutor propõe traduzir *O conflito das faculdades*, tentando alcançar os lugares de "intraduzibilidade", tudo o que ainda vige, mas não nos serve mais.

Relata que o texto kantiano busca, ainda, reconhecer o conflito no interior da Universidade e declara sua unidade e os seus limites territoriais, a fronteira entre o interior e o exterior. Mas como definir esta fronteira?

A pesquisa não é mais de seu único domínio, existem academias ou sociedades científicas especializadas que não pertencem a Universidade, às quais o Estado confia certas pesquisas, porque a Universidade não tem estruturação adequada. Aqui o professor acadêmico perde a representação de guardião ou depositário do saber. Os limites fronteiriços são apenas de origem material e não são suficientes para impedir uma simbiose, pois os membros de tais associações científicas se comunicam com membros da Universidade e isto é feito por atos de linguagem.

Universidade comporta contradições internas e, para isso, Kant estabelece a existência de duas classes de faculdades bem distintas: as superiores e as inferiores. A classe das Faculdades superiores é formada pelas Faculdades de Teologia, Direito e Medicina. A Faculdade inferior é a Faculdade de Filosofia.

Derrida afirma que todo o problema formulado por Kant resume-se na forma de influência sobre o povo. Assim, as Faculdades superiores formariam os homens de negócio que mantêm relação de dominação direta sobre o povo. Uma perspectiva de que conhecimento é poder. Na filosofia kantiana percebe-se seu singular esforço de guardar o que é precioso à Universidade, o saber. Queria traçar

uma linha entre os sábios da Universidade e os homens de negócio, entre o interior e o exterior.

Para Derrida, esta linha não apenas contorna a Universidade, ela atravessa as Faculdades, está aí o conflito. Ainda que hoje em dia não seja possível estabelecer quais são as ditas Faculdades superiores, estas podem entendidas como aquelas que formam os instrumentos do Governo e permitem a influência sobre o povo. Assim, estas Faculdades servem ao Governo, suas políticas marcam a dominação e a submissão.

Em contrapartida, a Faculdade inferior não recebe qualquer traço de dominação do Governo e deve servir como fonte eterna de esclarecimento a todos. A Faculdade de Filosofia deve se guiar por seu interesse pela verdade. Em sua visão otimista, Kant afirma que o Governo deve proteger e garantir a busca pela verdade, todavia esta verdade é uma palavra intra-universitária, não deve, de forma alguma, constituir qualquer rastro de poder ou dominação

Sendo a Faculdade de Filosofia a guardiã da verdade, ajuizada pela autonomia, não haverá Universidade sem um Departamento de Filosofia. Há uma contradição nesta afirmação: como uma Faculdade que reproduz o âmago da Universidade pode estar sujeita ao poderio político das Faculdades ditas superiores e do próprio Governo? Somente é concebível se o Governo se inspira na verdade e na razão!!!

Kant encontra as duas espécies de Faculdades sempre em conflito, questionando constantemente aquilo que ele busca tanto conservar, estabelecendo um eterno antagonismo. Remediando esta problemática, estipula um posicionamento imaginário, onde que as Faculdades superiores ocupam o lado direito do parlamento da ciência - defendendo os estatutos do Governo, enquanto a Faculdade inferior se posiciona no lado esquerdo - atribuindo razão às decisões do Governo, devido seu monopólio eterno da verdade.

Mesmo estipulando regras práticas sobre os deveres de cada Faculdade, o conflito persiste, pois, as Faculdades superiores jamais renunciarão ao direito de deter o poder.

Derrida sugere a fundação de um novo direito universitário, através de

uma responsabilidade fundadora. Tal direito não deve romper de imediato com a tradição, deve negociar um acordo, onde receberá o apoio para a transição – saltar de um solo fundador para outro lugar fundador. Metaforicamente aduz sobre o procedimento para saltar, o impulso que se faz necessário para a mudança de posição e o apoio para este ato, a alavanca. Em grego, o *mochlos* – uma barra em que se apoia para forçar um deslocamento. O *mochlos* é, então, o instrumento necessário a este impulso de mudança. A ação que moverá a mudança.

Quando Kant fala sobre a oposição das Faculdades, a direita e a esquerda, concita também que andem juntas, pois o bom caminhar necessita dos dois pés, onde um apoia o outro para que possam avançar. Derrida encerra sua conferência mais uma vez citando Kant quando este discursa sobre a necessidade que ambas partes do corpo sejam exercitadas para a plena saúde, ainda sobre maior desenvolvimento de um braço sobre o outro, quando em treinamento com espadas. Apropriadamente comenta sobre o fato de que o ser humano busca sempre se apoiar no pé esquerdo quando da necessidade de saltar, fazendo deste uma espécie de *hypomochlium* (alavanca). A Filosofia pode ser encarada como o *mochlos* para este impulso, sem dúvida.

Segunda Conferência:

As Pupilas da Universidade

O Princípio de Razão e a Idéia da Universidade

Este texto foi apresentado em uma aula inaugural para a cadeira “Andrew D. White Professor-at-large” à Universidade de Cornell, em Nova York, no ano de 1983.

Derrida inicia o texto com uma pergunta negativa: “Como não falar, hoje, da Universidade?”. Busca o exercício de uma reflexão sobre as condições político-institucionais na Universidade, como não se deveria falar da Universidade, quais riscos típicos devem ser evitados.

Questiona sobre a razão de ser da Universidade, aquilo que justifica sua existência, sua destinação, sua fundação. Intimamente ligado ao Princípio da Razão de Leibniz, questiona "por que a Universidade?", mais especificamente "em vista de que?". Aquilo que se vê desde a universidade, em seu interior, a seu redor, em suas fronteiras, sua vista.

Retoma a metafísica aristotélica, associando a vista ao saber e o saber ao saber-aprender e saber-ensinar. E assim fala Aristóteles: "todos os homens têm, por natureza, o desejo de saber." Este saber é feito pela vista com mais valor que os outros sentidos, preferimos sentir pelos olhos, por observar as diferenças.

Ver não é o bastante, é preciso saber ouvir, escutar aquilo que ressoa. Deve-se fechar os olhos para escutar melhor, aprender a saber. A Universidade tem se guiado pelo olhar, buscando o alcance daquilo que se faz necessário para ensinar. É chegado o tempo em que deve encerrar a vista para escutar e aprender melhor.

Ainda em Aristóteles, Derrida encontra a distinção do homem dos "animais de olhos duros e secos", aqueles que não possuem pálpebra, a membrana que protege o olho e permite o fechar dos olhos, por conseguinte, a capacidade de aprender melhor. Neste exercício, a Universidade tem fechado os olhos para aprender?

A questão da vista também era latente em Cornell, conta a história que esta poderia sido transferida para mais próximo da cidade, porém o responsável foi deliberadamente convencido pela vista do local. Também a polêmica sobre a construção de cercas sobre a ponte que a liga a cidade e principia um abismo, esta também foi indeferida sob o palio de manutenção da vista, para não destruir a "essência da Universidade".

A essência da Universidade é a razão. O Princípio da Razão diz que a razão deve ser dada. É um imperativo categórico no sentido kantiano. Palavra dirigida, não é vista, mas escutada e concita a agir pela razão. Uma questão de responsabilidade e não há como pensar a Universidade moderna sem o princípio da razão.

O princípio de razão como fundamento da Universidade é comumente questionado, sendo palco de grande debate sobre a política de pesquisa e ensino e o

papel da Universidade nestas pesquisas, seu posicionamento.

O interesse do mundo político e comercial nas pesquisas propicia o debate sobre o que as principais Universidades têm chamado de "pesquisa finalizada", aquela programada e orientada em vista de sua utilização, principalmente onde as pesquisas demandam de estruturas estatais. Muito mais em relação a sua rentabilidade ou "repercussão" técnico-econômicas, médica ou militar, do que sua aplicabilidade.

Em oposição a este conceito encontramos a "pesquisa fundamental", aquela desinteressada, em vista daquilo que não se promete antecipadamente uma finalidade utilitária. Sua única preocupação é com o conhecimento, a verdade, um pleno exercício do princípio de razão.

Atualmente parece ser impossível dissociar a pesquisa finalizada da pesquisa fundamental, pois este desejo de razão opera na pesquisa científica em todas as modalidades. É impossível separar a razão da técnica. Para Derrida, é impossível distinguir entre programas ditos nobres ou destrutivos para a humanidade. Lembra que a pesquisa fundamental se vê engajada em pesquisas finalizadas com objetivos militares, o conceitual e o técnico.

Assim, o departamento de Filosofia não possui a autonomia para exercer o conhecimento apenas, fugindo a toda forma de poder. Tudo ali produzido pode servir à técnica, ao discurso e a ideologia.

O Estado em tudo detém o poder sobre a pesquisa. Não há necessidade da velha censura a uma pesquisa que não lhe interesse, é o bastante reduzir os meios, os financiamentos para a entidade pesquisadora. Tais instâncias proibitivas passam por diversos posicionamentos, a não aprovação de uma pesquisa, a falta de ressonância de uma pesquisa é declarada em condições avaliativas, que estão carregadas de toda uma responsabilidade acadêmica. O autor destaca a influência de poderes extra-universitários definindo esta responsabilidade, a tecnologia da informação tem especial papel.

Trata-se de uma nova responsabilidade, onde as fronteiras entre as pesquisas, finalizada e fundamental, não estão protegidas. Passa pelo questionamento sobre a essência da razão nas pesquisas atuais e todos seus

desdobramentos. Saber que uma pesquisa aparentemente desinteressada pode ser "reapropriada" para um fim distinto.

Derrida nos alerta sobre as pesquisas que apenas formulam questões, independente de sua origem (filosófica, sociologia, histórica, etc). Elas não buscam o questionamento fundamental sobre esta normatividade científica, sobre o que está posto desde a criação da Universidade. Segue seu caminho metodológico e científico, às vezes rígidas demais, para um fim que não se encerra. A pesquisa deve preocupar-se em transformar em consequência aquilo que produz, assegurando a competência profissional e a tradição da Universidade, através do apelo a esta nova responsabilidade.

Mais do que nunca, o pensamento corre o risco de ser expropriado para fins sociopolíticos. A Universidade deve "manter os olhos bem abertos" sobre tal possibilidade. Derrida entende que esta nova responsabilidade deve vir acompanhada de uma "rejeição" à profissionalização da Universidade, sob o aspecto de produção de competências eminentemente técnicas para o mercado de trabalho.

Derrida retoma os renomados Kant, Schelling, Nietzsche, Heidegger para afirmar que: "o essencial da responsabilidade acadêmica não deve ser a formação profissional (e o núcleo puro da autonomia acadêmica, a essência da Universidade, encontra-se situado na Faculdade de Filosofia, segundo Kant)".

É preciso uma reflexão e, tendo esta novidade com um novo aparelho ótico, ver a vista para além da paisagem. Fechar os olhos para ver em seu sentido essencial e ouvir o inaudível.

Algo elementar não pode escapar a nossos olhos neste momento, a responsabilidade Universitária e sua curadoria pela verdade e pela razão. Em toda sua relação com o exterior, o cuidado deve ser o guardião do pensamento: "*Cuidado com os abismos e gargantas, mas cuidado também com as pontes e as barreiras. Cuidado com o que abre a Universidade para o exterior e para o sem-fundo, mas cuidado também com o que, fechando-a em si mesma, não criaria senão um fantasma de cercado, a colocaria à mercê de qualquer interesse ou tornaria perfeitamente inútil. Cuidado com as finalidades, mas o que seria uma Universidade sem finalidade?*"

O Olho da Universidade e o Ensino Policial Militar

Como elemento crítico desta resenha e sendo ela pública em uma revista policial militar, forço-me a analisar o texto a luz do ensino policial militar. Volto o olhar para o Curso de Formação de Oficiais da PMMT para, ao modo desconstrucionista derridiano, questioná-lo. Neste norte, o Curso de Formação de Oficiais se assemelha a uma faculdade superior ou inferior? Ou comporta em sua própria estrutura um pouco de ambas? É possível falar em autonomia no ensino policial militar em Mato Grosso? Em que se manifesta o poder "extra universitário" quando se fala em Curso de Formação de Oficiais?

Quando se tem que a faculdade serve ao que determina o Estado sobre a necessidade de reprodução de títulos, encontramos que a legitimação de saberes no ensino policial militar é autorizada pelo Estado à luz daquilo que ele mesmo quer, não ao que deseja a Polícia Militar. Tal conflito explicita que a liberdade científica é "controlada" pelos desejos do Estado, a eles devem servir. É preciso, pois, perceber as instâncias proibitivas do próprio sistema, estes que configuram um poder além dos muros institucionais, qual seja a reapropriação das normas militares mais para a dominação do que para a condução de tropas.

Onde não se fala em autonomia, tampouco se fala em responsabilidade. Esta é pressuposto daquela. Então, em que se funda a responsabilidade no ensino policial militar? Esta disposição passa por uma renovação de compromisso, uma autoafirmação sobre a responsabilidade e autonomia na Polícia Militar.

E qual conceito deve regular a palavra responsabilidade na Academia de Polícia Militar? Talvez o próprio questionamento de sua possibilidade, não como gregários à forma tradicional de assumir a *mea culpa* pelo que se apresenta, mas o questionamento puro e sem intencionalidade, aquele que desperta os pontos que não querem se sobrepor e se interessa pela própria ocultação, perscrutar – eis a palavra! Abalo da tradição, uma responsabilidade fundadora, esta que servirá de *mochlos* de um terreno fundador para um outro solo fundador.

Entender que para tal mudança é necessário um novo aparelho ótico – algo que permita à Instituição enxergar além do que lhe é permitido enxergar. O

essencial bater de pálpebras que tanto faz falta, algo que possibilite ultrapassar limites e o cárcere. Derrida, ao passo que nos apresenta a novidade, nos pede cuidado com o que abre a Instituição para o sem fim e com o que a aprisiona em si mesma. É possível quando se fala em ensino policial militar? E, em Derrida, questiono: temos fechado os olhos para aprender?